

REVISTA

DA

ASSOCIAÇÃO

RECREIO INSTRUCTIVO.



Nobre e illustrada é a ambição
que tem por objecto a sabedoria.
MARQUEZ DE MARICÁ.

N. 1.º—JULHO DE 1861.



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12.

—
1861.

REVISTA

DA

ASSOCIAÇÃO—RECREIO INSTRUCTIVO.

N. 1.º

JULHO DE 1861.

ANNO I.

INTRODUÇÃO.

De 1436 à 1452, l'imprimerie est inventée, l'imprimerie, texte de tant de déclamations, de tant de lieux communs et, dont aucun lieu commun, aucune déclamation, n'épuiseront jamais le mérite et les effets.

(Guizot).

A humanidade caminha, diz o progressista Pelletan ; e, si é esta uma verdade inconcussa, uma asserção profunda, não era possível, que nós que crusamos os umbraes do templo de Minerva, fossemos impassiveis á esse bulicio litterario que se opera á nossa vista, sem que mareassemos os brios de nossos avoéngos, abjurassemos seus laureis, ganhos no calor intenso da fogueira, e nas lagrimas amarguradas do exilio. Não ; não queremos commungar com esses filhos degenerados, que dominados pela torpe auricidia, conculcão os sacrosantos impulsos do coração, até contaminarem-se no tremedal esqualido das bachanaes e dos vicios.

E' uma verdade sedicã : as nações, como os homens, nascem, crescem e morrem. O perpassar dos seculos conserva illesos os brazões d'umas, e confunde em suas mesmas ruinas os de outras, quando o ultimo grão d'arêa se escôa na ampulhêta de sua existencia.

Porque ainda tanto se falla hoje de Roma e da Grecia ? é porque Roma teve um Juvenal e um Tacito que preconisassem seus feitos, que decantassem suas glorias, é porque a Grecia teve um Homero e um Pindaro que lembrassem ao caminheiro absorto em seus pensamentos merencorios, ao contemplar seus fragmentos denegridos, que pisava a terra, que por seu amor ás sciencias, e ás artes já foi soberana do mundo !

Porque o olvido d'Edumêa, de Palmyra tão honrada por Odenato e Zenobia, de Babylonia, a cidade maravilhosa? é porque o tempo tinha mais força que seus exercitos, é porque o campo de batalha é uma epopêa que á medo se transmite aos posteros!

E' mister que nos compenremos d'este principio incontroverso: a vitalidade d'uma nação está principalmente fundada em sua litteratura, ella é o atlante que a sustem em seus paroxismos, e é por isso que Lopes de Mendonça diz: «As nações não expirão, quando o genio não morre. E quando ellas no seio da desgraça e do abatimento fallão pela voz de seus poetas, testemunhão ao mundo que existem pela energia de seu engenho, é que a sua re-habilitação politica não existe muito afastada do horisonte dos seus destinos.»

A nossa patria tem todos os predicados d'uma grande nação, todos os requisitos para empunhar um dia o sceptro universal; ahi estão patentes suas mattas que se ostentão com magestade, seu solo fertil, suas magestosas catadupas, seus rios sem iguaes. Está escripto em caracteres indeleveis, pelo dedo de Deos, que o Novo Mundo hade dictar leis á Europa decrépita.

E' lei do destino.

Lá está o Egypto, o berço das artes, o paiz dos mythos, com seu lago Mœris, suas descommunaes pyramides, que attestão sua grandeza transacta. Entretanto o Egypto cahio, e a Persia succedeu-lhe no predominio; mas Alexandre dobrou-lhe a cerviz altiva, e fêl-a ceder á Grecia seu sceptro de rainha, até que veio Minucio e a reduzio á provincia achaica.

Então Roma subio ao pinaculo do poder, ao fastigio da gloria. A cidade eterna, como chama Montesquieu, tornou-se soberana do mundo. Mas o luxo, o despotismo, a corrupção, fizeram-na por seu turno baquear.

Das ruinas de Roma surdiu a civilisação moderna, que tem dado supremacia á Europa. Mas é lei do destino. Ella hade ainda ceder sua soberania ao continente do intrepido Genovez.

E é por isso que a primeira nação d'America meridional demanda tantos cuidados: é uma mãe carinhosa, merece as sollicitudes de seus filhos.

Quereis ser um povo de heróes? pois bem. Porque o Macedonio foi grande guerreiro? perguntai-o á Aristoteles.

Cesar avassallou Roma e Gallia, mas foi grande philosopho, insigne historiador.

Napoleão que cingira sua fronte altaneira com os louros colhidos em Marengo, Austerlitz, Montmirail, o consul de 1800, o imperador de 1804 não podia ser uma mediocridade.

Alfredo Magno da Gran-Bretanha, Pedro 1.º da Russia, Frederico 2.º da Prussia, e tantos outros heróes que a Historia

menciona, não sôrão só grandes nos campos de batalha; não, elles se engrandecerão mais espalhando profusamente a instrucção desde os simplicis tugurios até o auri-ornados palacios dos potentados.

Quereis ser um povo livre? pois bem. Leámos o *Poeta Nacional*.

Sciencia, industria e artes,
São só da liberdade
Os verdadeiros baluartes.

Esquiros diz, que devemos medir a liberdade d'um povo pela sua litteratura. Lamartine diz, que Bonaparte odiava o pensamento por que elle é a liberdade d'alma. Exclama um escriptor portuguez: A liberdade, a liberdade ampla e completa, eis o ambiente precioso em que se desenvolvem as vocações, e se crião as litteraturas!

Hoje pois, que o homem coberto de ferro já não domina a humanidade, e que a penna tem mais poderío que o gladio; hoje que tudo se curva ante o poder incontroverso da intelligencia, e que o ostracismo das sciencias seria o maior dos absurdos; hoje finalmente que ellas não são exclusivas dos mosteiros da idade média, nós, se bem que claudicando ainda na ignorancia, e concios da exiguidade de nossos recursos nos lançamos tambem na arêna das letras, nesse *pugilato* dos tempos modernos.

O que temeremos nós? obstaculos? não, por que isso já previamos quando encetámos esta senda cheia de sinuosidades e de abrolhos. O indifferentismo? tambem não, por que teremos constancia para superal-o. A critica? ainda não: si ella sôr judiciosa e benigna a acceitaremos com prazer, com gratidão; si sôr estulta e severa, lhe perguntaremos com Lopes de Mendonça. « Queres applicar á mancebos, que ainda mal balbucião a lingua, as prescripções severas que se applicão á talentos feitos? » Sem duvida que não. Nossas lucubrações resentem-se dos defeitos, que são accessorios infalliveis d'um tirocinio, mas temos fé que, como o rocio da manhan que vivifica e infiltra o succo nutritivo no tenro arbusto, assim a complacencia de nossos leitores hade acoroçoar-nos em nossa romagem.

O que pois tememos é que a audacia que regurgitou na primavéra nos falte no estío, que o arrefecimento nos impeça de lobrigar ao menos a méta á que nos dirigimos.

O que almejámos é participar dessa cruzada gloriosa que denodadamente se esforça para plantar o dominio da intelligencia na terra de Santa Cruz.

S. Paulo, Julho de 1861.

RELATORIO

apresentado na sessão Magna da Sociedade Recreio Instructivo aos 13 de Setembro de 1860 pelo 1.º Secretario, Afonso Guimarães Junior.

SENHORES.

Ainda hontem em uma das salas da Academia em sessão Magna do *Atheneo Paulistano*, presenciámos ao som triumphante dos clarins o entusiasmo da mocidade Academica pelo nosso glorioso dia 7 de Setembro; ainda hontem a mocidade Academica como que formando um só individuo tinha em mente uma idéa sacrosanta—a liberdade, e nos labios hymnos á nossa Independencia politica, hymnos á liberdade, revestidos com as galas com que o pensamento em taes dias costuma inspirar-se, mas essa idéa não era isolada, prendia-se á uma outra, á da Sciencia; esses hymnos eram tambem oblações á esta Deosa.

E no entanto Srs., si hoje o Recreio-Instructivo não entôa canticos á liberdade, tom tambem em mente essa veneranda idéa;—hoje o Recreio-Instructivo sahindo da obscuridade em que vivia, vem festejar o seu 1.º anniversario, vem mostrar que tambem depôz uma pedra junto áquellas em que vai erguendo-se o grandioso edificio humanitario, em cujas columnas está gravada a palavra—Sciencia, esse magestoso edificio que em nossos tempos tem sido comprehendido e embellezado por habeis architectos.

E Srs., podeis conceber que a mocidade Brasileira ficasse indifferente, estacionaria em vista dos prodigiosos e rapidos progressos que a Sciencia de dia em dia vai conquistando? Não era possivel; os filhos da terra de Santa Cruz são de uma tempera enthusiastica, de uma imaginação fertil e de uma intelligencia robusta. Para confirmação do que acabo de avançar, basta um lance de vista sobre nossas Academias; não nos é preciso ir longe, mesmo em a nossa Faculdade, olhai para seu passado e vêde as estrellas que nelle fulgurão, os Felix da Cunha, Bernardo Guimarães, Alvares de Azevedo, Guanabara e outros, que vos respondão; vêde o grande numero de sociedades scientificas que se achão constituidas e os seus órgãos— a imprensa.

E no entanto é para admirar que a mocidade não desanime á vista do materialismo que garbosamente ousa pretender imperar em a nossa terra de tanto futuro; mas isso tem uma explicação e eu vol-a digo: a mocidade brasileira não desanima por que além da força de vontade que lhe é propria, além da pureza e

firmeza de suas convicções, ella tem o exemplo, e a animação auxilio de illustres o verdadeiros brasileiros, que sempre se achão á testa das grandes empresas scientificas e de artes, o d'entre os quaes sobresahe aquelle, em cuja magestosa fronte fulgura a corôa Imperial, o qual occupará brilhantes paginas na patria historia, sobre quem a posteridade dirá: Pedro II soube em seu regio manto acolher as sciencias e as artes, amou sua patria, foi bom principe, e soube sempre segurar dignamente na cabeça a corôa que a nação confiou-lhe.

Mas Senhores, á vista do quadro que syntheticamente vos acabo de esboçar de nossa mocidade, e reconhecendo que nella não occupo um lugar, vendo-me rodeado de um auditorio tão illustrado, entre as galas de um festim litterario, sinto-me acanhado e abatido para vos traçar o quadro historico de nossa Associação; mas como o dever é uma imposição sagrada, farei um esforço sobre mim, e procurarei cumprir a minha tarefa.

Senhores. A Associação Recreio-Instructivo, fundada aos 11 de Setembro de 1859, como assim declarou o meu digno antecessor no Relatorio que apresentou na sessão de encerramento que teve lugar em Outubro desse anno, teve por origem, como todas as Associações Academicas, o sacro amor á sciencia.

Continuarão este anno seus trabalhos abrindo-os por meio de uma sessão magna, porém modesta e simples em 8 de Abril; então alargou mais seus horisontes: além dos estudos á que se propunha como a Historia, Philosophia e Litteratura, acrescentou as materias do 1.º anno, visto socios seus já então pertencerem á esse anno de nossa Faculdade.

Nessa occasião fizeram-se as eleições, as quaes além de terem sido completamente espontaneas, sôrão mui dignas e acertadas, actos pelos quaes os membros do Recreio-Instructivo mostrarão-se dignos da causa que jurarão abraçar. Operarão-se duas refôrmas de Estatutos durante os nossos trabalhos deste anno, porém legaes e mesmo louvaveis e necessarias; a 1.ª em Abril, a 2.ª em Julho. Na ultima refôrma, creárão-se mais duas cathogorias de socios além dos effectivos, socios honorarios e correspondentes, constituindo estes os effectivos ausentes desta Cidade. A experiencia e a acurada reflexão presidirão a estes trabalhos, e ultimamente sôrão impressos os Estatutos e offerecidos aos socios effectivos e á alguns honorarios já officiosos, e ás Associações com que nos relacionamos. A fiel observancia de seus preceitos é um dos factos caracteristicos do Recreio-Instructivo. Em sessão de 19 de Julho tratou-se das eleições para presidente e socios honorarios, sendo eleito para aquelle cargo o Illm. Sr. Dr. Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada M. o Silva que honrou-nos, acceitando o titulo que de tão bom grado lhe conferimos. Com esta gloriosa aquisição o Recreio-Instructivo

sentio-se mais animado para seguir a sua romagem; foi uma estrella que mais clareou a sua passagem. Fôrao eleitos socios honorarios pessoas, cuja intelligencia, merito e posição muito hão de honrar a nossa sociedade; já alguns tem sido officados e d'entre estes alguns já nos têm respondido, honrando-nos com o seu consentimento, como provão os documentos annexos á este Relatorio. Entre esses socios temos a honra de mencionar os Illms. Srs. Drs. Clemente Falcão de Souza filho, e Ernesto Ferreira França, aquelle filho de nossa Academia, bem conhecido entre nós, não necessita de outro elogio senão a menção de seu nome; quanto a este podemos-nos vangloriar de contar em nosso gremio uma das primeiras illustrações brasileiras. Quanto ás nossas relações externas, além da que existia desde o anno passado com o Amor á sciencia, que nasceu quasi ao mesmo tempo que a nossa, durante este anno nos relacionámos com o Instituto Academico, Brasilia, Culto á Sciencia e ha dias com o Ensaio philosophico, Atheneu paulistano e Club Scientifico. Esta alliança com as nossas irmãs de letras é uma garantia para nossa Associação, por que cobertas de glorias e louros como ellas são, certamente muito nos honrão e muito nos animão, prestando-nos seus auxilios e valiosa protecção. As associações Culto á Sciencia, Instituto Academico e Amor á Sciencia dêrão-nos mais uma prova de confraternidade, offerecendo-nos alguns numeros de seus jornaes, e muito nos lisongeamos por possuirmos taes fructos d'essas Associações. O Recreio Instructivo teve a honra de ter sido representado em duas sessões magnas, uma no Amor á Sciencia, pelo Sr. Thompson Flores que ahi dignamente desempenhou seu papel, e outra no dia 11 de Agosto no Culto á sciencia por occasião desta sociedade solemnisar o seu dia anniversario: foi d'esta vez o nosso orgão o Sr. J. Corrêa de Jesus, que, como era de esperar, mostrou-se digno interprete de nossas idéas. As nossas sessões fôrao sempre bem concorridas, as discussões transpirarão bastante animação e enthusiasmo e mesmo mostras de estudo e meditação.

Com quanto a nossa Associação marchasse com passos seguros em seu constante caminhar, um facto notavel teve lugar, que foi as continuas eleições parciaes de seus funcionarios, exceptuando neste ponto da vista o da Presidencia, na qual se tem conservado dignamente o Sr. Jorge Frederico Moller, e o da thesouraria, que tendo sido exercido primeiramente pelo Sr. M. Martins Torres, passou ao Sr. H. Antonio B. Vincent, á quem devemos o estado lisongeiro de nossas finanças. Como toda a Associação que tem por alvo a verdade, o Recreio Instructivo tem tido suas phases brilhantes e negras, porém aquellas sempre sobrepujarão a estas, que fôrao rarasissimas.

Eis, senhores, o retrospecto do Recreio Instructivo do anno de

1860. Sinto que outro, não eu, não o tivesse esboçado, porque de certo o realçaria com as pompas, as gulas e as flôres de que elle é digno; o que á mim me foi impossivel,—antes marcei o horizonte que o circumda.

Senhores Membros do Recreio Instructivo, concluirei pedindo-vos que continueis em vossa santa romagem, e quando o desanimo e a inveja quizer gelar-vos, caminhai ainda adiante, e repeti com a Lyra dos viute annos:— *Ardua embora a provança, a tarefa é sublimada.*

DIREITO ROMANO.

Contribuição do muito digno socio hõnorario o Illm. Sr. Dr. Ernesto Ferreira França.

IN JUS VOCATIO.

A doutrina das citações no nosso processo civil, comquanto decorra mais immediatamente para nós do Direito Canonico, tem não obstante a sua base primordial no direito justiniano; e inicialmente se nos patenteia em sua origem sob a fórma da citação de comparecimento perante o magistrado—*in jus vocatio*—, isto no primeiro periodo do direito civil processual romano, tecnicamente mais conhecido pela expressão—*ordo privatorum judiciorum*, a que correspondião primeiramente as chamadas—*legis actiones*—, e depois, o processo formular (*formula*).

E' pois, comquanto remota, a — *in jus vocatio* — comtudo fonte directa da doutrina da citação inicial entre nós; e não será estranho que tomassemos semelhante objecto para thoma destas poucas linhas.

Na época a que nos referimos, incumbia em regra, ao autor, para dar principio á litis-contestação, tomando este termo no seu sentido generico, citar elle proprio o réo pessoalmente, e trazel-o ao tribunal competente, perante o qual tinha de ser agitada a questão. Recalcitrando o réo, de qualquer modo que fosse, era licito o emprego da força physica. Assim o estatuião as XII Tabuas: *Si in jus vocat, ni it, antestator: igitur em capito. Si calvitur pedemve struit, manum endo jacilo.* (Porph. ad Horat. Serm. I. 9, 76)

Plauto, em uma de suas comedias, reproduz o dialogo do autor e réo em uma destas occasiões:—*Age, ambula in jus, leno.— Quid me in jus vocas?— Illi apud prætorem dicam: sed ego in jus voco.— Non ne antestaris?*— etc. Podia porém o réo legalmente eximir-se das exigencias da citação, dando pessoa por si (*vindicis datio*), que por elle se apresentasse no fóro e fallasse na causa. Da sujeição ao rigor destas disposições só se era dispensado por motivos muito especiaes (c f. D. II, 4, *de in jus vocando*) e cujos accidentes determinão tambem no nosso direito patrio excepções analogas.

Levada a causa ao conhecimento do magistrado, devia o autor significar immediatamente ao réo qual a acção que pretendia mover-lhe (*edere actionem*), ao mesmo tempo que o magistrado, marcado prazo para a prosecução dos termos, quando no mesmo dia não terminava a questão, exigia do réo palavra ou em geral fiança de como havia de comparecer no periodo designado (*vadimonium*: Gai. IV. 184).

Comquanto o direito pretoriano modificasse essencialmente com o correr do tempo, o teor destes estatutos, e Marco Aurelio sem peremptoriamente revogar, substituisse á *vocatio in jus* e *vadimonium a litis denuntiatio*, é só no direito justiniano que achamos consagrado o principio puro da citação moderna, principio que como pretendiamos dizer, foi enucleado e desenvolvido pelo direito canonico em concurrencia com as alterações por este introduzidas no processo civil romano, antes de passar a fazer parte do direito processual hodierno.

Mas não devemos transgredir do limitado espaço de que podemos dispôr: terminaremos aqui.

E' pois o direito romano origem e subsidio o mais amplo da legislação dos paizes cultos, e a primeira base sobre a qual deve assentar o estudo das sciencias juridicas em geral, e em particular da jurisprudencia, quer juridica propriamente dita, quer publicistica. Com effeito, se no direito civil, já directa já indirectamente, é indispensavel o conhecimento do direito romano, não é no direito publico menos util, pela certeza e segurança que dá ao raciocinio, e pela distincção essencialmente juridica que desenvolve das relações decorrentes da natureza das cousas. Sirva de illustração o exemplo do direito criminal practico, cuja theoria ainda hoje repousa sobre a doutrina *dolus e culpa*.

LITTERATURA.

ÉPOCA CAVALHEIRESCA.

ABRANCHES,

Depois que o povo Rei, assalteado pelos Barbaros mandára chamar as legiões, que ainda guardavão os restos gloriosos das conquistas de Cesar o General—de Agricola, e as atalaias dos campos Mauritanicos, os filhos das matas da Germania como as aguias nas fragas Alpinas, voárão a delacerar o estandarte Romano, outr'ora o symbolo da conquista e da submissão desde os campos da Lusitania até as margens do Euphrates. O Capitolio outr'ora defendido pela espada de Manlio e do orgulhoso Camillo—ouvio o nitrir do corcel do Huno e da raça Gotica que veio concutir na desolação o Sólo do povo Eterno.

Já nesta occasião o filho de Deos tinha pendido no lenho sagrado —e os Historiadores disserão « para uma religião nova necessitava-se de um povo novo » (1) A flôr das artes e das sciencias pendeu ao sópro da devastação; as musas que nas expressões de Roselly de Lorgeus (2) tinhão poisado pela primeira vez sobre o Capitolio, surtirão violentamente para as montanhas desertas; e sanguinolentos actores entrárão no procenio Historico.

Correu o tempo; a necessidade da existencia do Christianismo, fez nascer o Papado: o temor dos Lombardos e dos Imperadores Byzantinos Scismaticos, fez nascer a união secular do throno Pontifical e do Sceptro Franco (3) desde as primeiras raças; e Clovis o convertido deu um exemplo de um Rei que ensina pela acção. Os descendentes de Hermanrich recebêrão o baptismo na Religião Scismatica, por Ulphilas, e nos centros das matas já adorou-se geralmente o Crucificado

Mas quando a cruz chamava á sua sombra os conversos, e que a doutrina celeste fructificava, ouvio-se uma celeuma da parte do Sul—e os filhos de Mahomed o Propheta levantárão as cemitarras sobre o gasnate do Christião—mandando renegar a fé jurada sobre o Evangelho.

E' desta lucta entre os sectarios de Religiões diversas, que mais

(1) Chateaubriand—Est.-Hist.

(2) Cap. XIV.

(3) Laurent—Est. sobre a Huma.

appareceu a tendencia cavalheirosa dos filhos da Germania. A cavallaria a nosso entender é filha das luctus religiosas, e mais ainda do sentimento de independencia de que se orgulhava o Germano. A palavra—Franco—recordava ao Barbaro o grito de guerra—e a espada ou franchish sanguinolento—rangendo nos craneos dos vencidos. (4)

Homens fallando em nome da divindade, propagando (a seu entender) o pensamento divino não podião ser accessiveis ao temor usual nas empresas por fins terrestres. Daqui vem essas scenas de desolação que os novos apaniguados—assistião a sangue frio—dando lugar a um escriptor dizer « que o homem é o mais feroz dos animaes quando derrama o sangue por um pensamento religioso. »

A abnegação das cousas da terra, submettendo o espirito á apreciação do ideal—e de um interesse superior fez bem definido o sentimento cavalheiresco. Daqui vem a exaltação da mulher no pensamento do guerreiro, quando elle jurava sobre a cruz de sua espada quebrar lanças em honra á dama de sua adoração.

Mas, se essas causas concorrem a produzir o movimento cavalheiresco, é tambem difficil determinar com precisão a época de sua manifestação. Aquelles que quizerão designar a primeira cruzada como o seu ponto de partida, talvez se enganem por simplificar de mais a questão. Em questões desta natureza todo systema exclusivo é erroneo. E' por isso que antes sômos do pensar de Henri Prat quando diz « as cruzadas são umas das phases da cavallaria; » tornando antes causa o que era effeito.

Os Scandinavos, os Arabes tambem dêrão culto á idéa cavalheiresca. A mythologia do Edda, as poesias dos Scaldas todas fallão da brilhante Sunna, que mystifica o coração dos guerreiros. O Poema de Antar de Asmai o Grammatico na côrte de Aroun—al—Baschil—o Augusto dos Sarracenos, immortalisa o amor tímido de um Heróe pela formosa Ibla, bella como a estrella do Pastor.

Vetteda foi divinizada em vida, diz Tacito tractando dos Germanos—e o idoso menissinger, que deu—á mulher as estrellas por corda—e por sopé um craneo de homem exprime bastante ainda que bisarramente o culto da cavallaria. (5) As proesas de Sigfredo nos Niebelungem, e de Atila pela bellicosa e mais formosa Brunhilde—é um traço indelevel do sentimento instintivo das proesas entre os Germanos—mais tarde apreciado devidamente em Frederico o morto no Cydno—e em Rodolpho o rei pobre mas que possuia uma espada sempre fiel nas pelejas.

Quando certas idéas—correm no sentimento do tempo, e que os corações aquecem-se ao fogo sagrado do enthusiasmo—os homens

(4) Thierry—quer que Franco venha de feroz.

(5) Michelet—Introdução.

levantão-se como por encanto, e levão a offerenda muitas vezes de seu proprio sangue ao altar de sua convicção. A cavallaria tem sua época não só na litteratura, como no mundo das acções. Dava-se um grito para a Crusada; os Principes descião de seus thronos recebião no hombro o signal da redempção, e Richardo é o maior guerreiro desta época e seu nome faz parar e fugir o inimigo como a verbona de Popilio diante de exercito de Antiocho.

Mas não tardava chegar-se ao seculo XIV além do qual não passa sem admiração um nome de heróe filho destas épochas de valor e culto cavalheiresco. Os guerreiros do Tasso immortalizados na Jerusalém Liberata, e os nomes de Coração de Leão e Saladino—nunca esquecidos nas tradições Orientaes e Inglezas, já pertencião á historia; porque o motivo Religioso já hia-se desaparecendo, e os Barbaros em contacto com uma civilização amolecida, começavão a tremer ao tinir das espadas.

Os nomes de Coucy, Boicaut, Baiardo o Distimido, Duguesclin Francisco 1.º, e Carlos XII da Suecia, recordão o brilho peregrino da cavallaria antes de espirar, como é triste o bruxolear da lampada que se apaga á luz da aurora. Mas como toda a idéa que morre no passado, sempre deixa na scena de sua existencia uma utilidade relativa ás épochas de seu predominio, a cavallaria tambem impellio a litteratura—emancipou a mulher já protegida nos systemas feudaes, e remio o coração da bitóla material para aferil-o pela medida do ideal generoso.

Veio depois o ardil das luctas: a espada inutilizou-se com o invento de Rogerio Bacon—e Francisco 1.º aprendeu a inclinar-se á um novo systema, quando em Pavia elle quer despertar lembranças, que pertencião ao passado.

Assim tinha já se desaparecido a cavallaria. E a história dos factos e da litteratura, ainda não maldiz, a propagação de uma idéa, que intronisava o valor pessoal—nessas épochas de força, em que correu-se de susto um véo negro sobre a cruz, quando ameaçada pelos maldictos filhos de um culto sanguinario. Se houve erro nos sentimentos cavalheirescos, é diante do elemento philosophico que elle deve ser apreciado, e não diante da Historia.

A philosophia é inexoravel porque é o pensamento absoluto: mas a historia deve ser complacente—porque nos factos ha um que de necessidade.

Abranches, vão aqui uns apontamentos, sem estylo, nem o nexo devido, porque t'os remetto como os tomei para material de um plano talvez imcomportavel para mim, de escrever uma dissertação sobre a necessidade da historia na Litteratura, com o que darei algum desagrado aos nossos pretendidos Litteratos.

Teu Amigo—*Pedro Fernandes.*

A PROSTITUTA.

Il y a tant d'imperfections attachés
à la perte de la vertu dans les fem-
mes, tout leur ame en est si fort
degradée.....

MONTESQUIEU—Esprit des lois.

Mulher! Pára—não vês que caminhas para um abysmo! Não vês ali um barathro, que, como um leão esfamado, te aguarda com suas fauces abertas? Mais além a voragem que te hade infallivelmente tragar?

Mulher! Arrepia carreira—o mundo apesar d'eivado de vicios é sevéro no julgamento d'elles.

Duas sendas se te antolhão—uma repleta d'angustias e dôres, obstruida de abrólhos e obstaculos, mas em cuja méta se depara um novo Eden que expande suaves aromas, aprasiveis odôres—outra prenhe de prazeres e delicias, orlada de fragrantés flôres cujas pétalas se desprendem uma á uma de seu calice, durante o teu tracto, mas que conduz á uma furna que esparze fétidos miasmas.

A primeira é a virtude—o Eden é a tranquillidade do espirito; a segunda é o vicio—a furna é o remorso.

Mulher! Tens opção; vacillas na escolha.... segues a segunda.... desgraçada, conculcaste teu dever! Insensata, cavaste tua ruina! Louca, contaminaste tua vida. Collimaste o teu alvo? Ainda não: ainda frúes as saturnaes d'uma vida desregrada.

Messalina! Reflecte um só momento, remonta á tua vida transacta. Não vês como de dia em dia decresce o numero de teus adoradôres? Não vês, em teus sonhos aviltantes, em teus castellos de libertinagem de chôfre destacar-se um espectro horrivel como a cabeça de Meduza, aproximar-se lentamente.... depois recuar como que espavorido! São os teus maiores que sacudindo o pó da tumba, te vem lançar em rosto tua impudicicia, pedir contas d'um nome que te legarão intacto, e que mareaste.

Lais! Olha o teu presente—não vês a turba que te apupa, a população que te impreca, e no meio d'ella dois vultos venerandos, que cheios de vergonha acobertão as faces com as mãos? São teus pais que no momento extremo te renegão, te lanção o ultimo anathema, a.... maldição.... occultão seus rostos, porque não querem patentear o estigma que n'elles inoculaste, porque não querem deixar vêr suas cans respeitaveis, conspurcadas pelas lamas putridas de tua lascivial

Ignoras o teu fucturo? Pois bem, olha o horisonte que se negreja, o céu que se enluta; não ouves o trovão que estrepritosamente ribomba, o raio que cahe á esmo, como se novo Ennoch fóra arrebatado? Mais medonha é ainda a sorte que te espera!

Mulher sobre a tua fronte pesa o sigillo da reprobção !

A sociedade te segregou de seu gremio, porque teu halito impuro cresta tudo quanto abrange ; retrocede d'essa vida de crimes e d'infamias !

Esta vida é um sonho ephemero : realidade.... só ha além tumulo. O martyrio d'este mundo é o precursor da felicidade em o outro ; a flôr mais odorosa é a que está mais crivada de espinhos.

Mulher ! Pára—arrepia carreira, porque a vindicta de Deos é mais terrivel quo a do homem.

Attingiste o teu fim ? Já te retorces em agonias lentas ? Já mendigas o obolo da caridade publica ? Pede perdão a Deos, porque o mundo já te julgou ; e o mundo apesar d'eivado de vicios é severo no julgamento d'elles !

ABRANCHES.

POESIAS.

No album de A. M. dos Reis.

Pobre poeta ! na manhã da vida
 Nem flôres tenho, nem prazer tambem !
 Rôto mendigo que não tem guarida
 Tímido espreito quando a noite vem !

(CAZIMIRO DE ABREO.)

Noites serenas de meus patrios lares
 Porque findastes quando eu despertei ?
 Sonhos de jovem n'amplidão dos ares
 Morrêrão todos e só eu fiquei !

Fiquei soffrendo como a branca lua
 Que em noite escura não prateia as agoas,
 Fiquei gemendo qual perdido nauta
 Longe da patria definhando em magoas !

Si ouvia ao longe no gemer da brisa
 —Suspiro terno soletrando—amor—
 Cria ser d'ella—que saudosa e meiga
 Se recordava do seu trovador.

Si a noite em trévas no silencio lectrico
 Parei mirando o enublado Céu—
 —E' que eu achava no correr dos astros
 Mysterios filhos só do peito meu :

Scisme! Scisme! e despertando, ai Céos!
 Anjo de amores que supuz outr'ora—
 —Alma prosaica—coração sem crenças
 —Eis o que eu vejo na mulher de agora.

S. Paulo, Maio de 1860.

Joaquim Xavier da Silveira.

Vem !...

(A R...)

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe.
 V. Hugo.

Porque te affogas, oh ! irmã dos anjos
 Nas ondas negras de um viver impuro,
 E as santas fórmas do cinzel de Deus
 Manchas do vicio no recinto escuro ?

Empirea flôr, ao perpassar dos ventos,
 Porque te banhas em paúes medonhos,
 Quando existencias de teus labios brotão,
 Quando teus olhos realizão sonhos ?

E' tempo ainda ; nos salões da vida
 Rasga essas sedas que predizem prantos,
 E á nova aurora que te aguarda, eleva
 Como a flórinha os divinaes encantos.

E' tempo ainda ; a viração sussurra,
Ergue-se a terra em maravilhas mil....
Vem minha fada, abandonemos juntos
Nosso barquinho pelo mar de anil.

Oh vem ! minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
Então verás de teu viver mulher
As nuvens negras se affastar do céo.

Vem ! que me importa o murmurar das turbas,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo a teus sorrisos, fada,
Verei de novo rebentar um mundo ?

Vem ! tu serás minha Atalá formosa,
Por quem na terra viverei de amores :
Teu meigo sonino vellarei cantando,
Teu brando leite juncarei de flôres.

Triste é o drama deste mundo ingrato,
Gelado e tredo o bafejar da morte,
Mas ha na vida uma estação mais negra,
Mais rija e fria que o soprar do norto.

Quando a velhice que apressada marcha
Vier cobrar-te seu pezado imposto,
E ao toque impuro de nojentos labios
Sem dó manchar-te a sentinez do rosto ;

Quando essa fronte, cristallino lago,
Que de tu'alma reverbéra o céo
Crestar-se aos poucos, se cobrir de rugas,
E dos invernos se enlutar no véo ;

Quando as madeixas se fizerem brancas,
Seccas, despidas de subtis perfumes,
E os olhos negros se tornarem, tristes,
Em mortas brázas de passados lumes ;

Que dôr pungente sentirás no seio !
Que philtro amargo tragarás mulher !
Tu, que da vida enlameaste a senda
Sem te lembrares do porvir sequer ! -

Rainha, em terra vêr partido o sceptro,
 O throno de ouro reduzido a pó !
 E após uma era de opulencia e mando
 Vêr-se na vida desprezada e só !...

Vem !.. uma aurora surgirá de novo ;
 Inda tem raios o teu sol futuro....
 Não mais te affogues, oh ! irmã dos anjos
 Nas ondas negras de um viver impuro !

Vem !... que me importa o murmurar das turbas,
 O dubio riso, o escarnecer das gentes....
 Se as agoas santas de um baptismo pedes,
 Eu de meus olhos verterei torrentes.

E' tempo ainda ; a viração sussurra,
 Ergue-se a terra transbordando em flôres,
 Vem, minha vida, na soidão ergamos
 Nossa cabana sob um céu de amores.

S. Paulo, Junho de 1861.

L. N. F. Varella.

● Passado de amôr.

Meo passado de amôr foi canto triste
 Que nas trévas da noite se perdêo ;
 Foi um grito pungente do poeta
 Quando um riso nos labios lhe morrêo !

Meo passado foi canto mortuario
 Que gemeo sob a sombra do chorão ;
 Meo passado foi sonho enegrecido
 Que morreo co'o passar da viração !

Meo passado foi riso de ironia
 Que passou pelos labios do descrente,
 Foi a lagrima pura da donzella
 Que fugio-lhe do rosto em sonho ardente !

S. Paulo, Julho de 1861.

J. Xavier da Silveira.

FUNCCIONARIOS
DA
ASSOCIACAO—RECURSO INSTRUCTIVO.

PRESIDENTE HONORARIO.

O Illm. Sr. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada M. e A.

PRESIDENTE EFFECTIVO.

O Sr. Jorge Frederico Mello.

VICE-PRESIDENTE.

O Sr. José Correia de Fozes.

1.º SECRETARIO.

O Sr. Luiz de Oliveira Lima e Vasconcellos.

2.º SECRETARIO.

O Sr. José Pereira dos Santos.

DO ADJUNTO.

O Sr. Saturnino Epanimondas de Arruda.

2.º ADJUNTO.

ORADORES.

Os Srs. Joaquim Xavier da Silveira.

José Ferreira de Menezes.

THEZOUREIRO.

O Sr. Henrique Antonio Bernabé Vincent.

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Os Srs.

Presidentes— Frederico Castello de Araujo Abranches.

Secretarios— Olympio Courdeir Niemeyer.

Joaquim Antonio de Figueiredo Junior.

Antonio José Augusto Guimarães Junior.

Marcos de Castro Lopes e Vasconcellos.

Francisco de Sales Furtado de Mendonça.

Antonio Manoel Correia de Faria.